LUIZ DE CAMÕES

LEVANTANDO O SEU MONUMENTO

OU

A HISTORIA DE PORTUGAL

JUSTIFICADA

PELOS LUSIADAS.

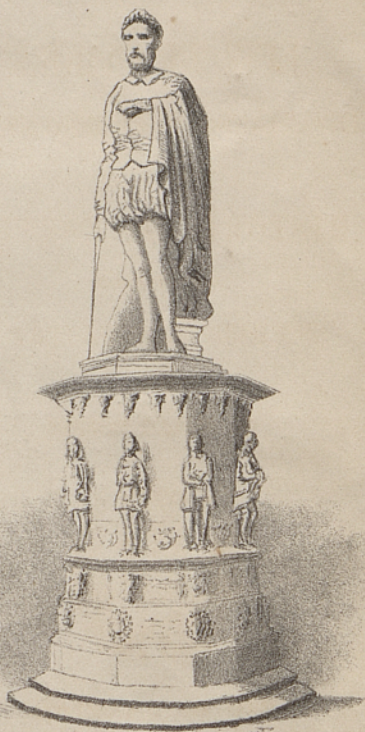
PELO

DR. MELLO MORAES

RIO DE JANEIRO

Á VENDA EM CASA DE

HENRIQUE LAEMMERT

da Quitanda, 77.

MONUMENTO DE CAMÕES
em Lisbôa.

LUIZ DE CAMÕES
LEVANTANDO O SEU MONUMENTO

OU

A HISTORIA DE PORTUGAL

JUSTIFICADA

PELOS LUSIADAS.

PELO

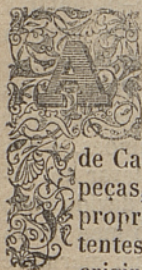
DR. MELLO MORAES

RIO DE JANEIRO

PUBLICADO E Á VENDA EM CASA DE

EDUARDO & HENRIQUE LAEMMERT

Rua da Quitanda, 77.

AO LEITOR

Ainda se não tinha decidido pôr em pratica a idéa altamente patriotica, de se levantar, em lugar conveniente da cidade de Lisboa, uma estatua á memoria de Luiz de Camões, já eu havia ajuntado as peças, que encontrei lavradas pelas proprias mãos do famoso poeta, existentes nos *Lusiadas*, para com ellas erigir cá no centro da America intertropical o monumento immorredouro á memoria do cantor do Gama, e assim pagar por minha vez, o tributo ao genio das victorias, ao cantor das glorias patrias. Já que a nação portugueza deixava em olvido honrar a memoria de Luiz de Camões, convinha, que as letras lhe agradecessem, apregoando-lhe as glorias.

Em 30 de Novembro do anno passado (1859) escrevendo-me os meus amigos, os Srs. E. & H. Laemmert, pedindo-me um esboço historico de Portugal, e do Brasil

que comprehendesse em uma hora de conversação, para acompanhar as suas interessantes Folhinhas, lembrei-me de Camões, e com os *Lusiadas* adiante dos olhos, assentei honrar-lhe a memoria, fazendo-o contar a historia da sua patria, onde elle figurou como historiador, como poeta, e soldado.

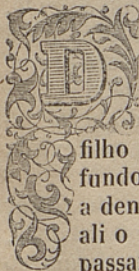
Agora que os nossos irmãos Portuguezes se resolvêrão definitivamente a levantar um monumento lapidario a Camões, e nos convidão á concurrencia para levar ao cabo, bem que tarde, o tributo devido a tão grande genio, quero, além do meu obolo para o cimento que vai ligar um marmore a outro, offerecer á nação portugueza a estatua de Luiz de Camões, que alevantei com os proprios materiaes que deixou nos *Lusiadas*.

Para o monumento lapidario, concorreráõ duas nações irmãas; e para o que levanto concorrerá Camões, e eu. Aquelle está sujeito ao tempo, e ás circumstancias, e este nem o tempo, e nem a morte, poderáõ abalar-lhe os alicerces, nem destruiz-lhe a construcção.

Rio de Janeiro, 20 de Agosto de 1860.

Dr. Mello Moraes.

——

A HISTORIA DE PORTUGAL

JUSTIFICADA PELOS LUSIADAS

Eis aqui quasi cume da cabeça
Da Europa toda, o reino lusitano;
Onde a terra se acaba e o mar começa,
E onde Phebo repousa no Oceano.
. . . .
Esta foi Lusitania derivada
De Luso, ou Lysa, que de Baccho antigo
Filhos forão, parece, ou companheiros,
E nella então os incolas primeiros.

CAMÕES.

DATANDO a historia do reino de Portugal de tempos mui remotos, como relatão chronicas antigas, e tendo sido Tubal, quinto filho de Japhet, o primeiro que o fundou no lugar hoje conhecido sob a denominação de Setubal; e sendo ali o primeiro povoado, e ao depois passando a regê-lo prudentemente Luso, pelo bom governo que fez, e incre-

mento que deu, forão chamadas as terras Lusitania, que conservárão por muito tempo esse nome antigo, e respeitado, que com o rodar dos seculos foi substituido pelo de Portugal.

Ligado á Hespanha, e partilhando de sua sorte, Portugal por longos annos viveu sujeito áquella; porém o seu povo, de um caracter nobre e intrepido, e mais que muito amador da liberdade, em seus tempos de servidão fez conhecer ao senado romano, que os Portuguezes não erão Asiaticos, que as aguias romanas tangião para Roma, como cordeiros ao aprisco.... *Viriato* sorri de *Pompêo*, e nos campos das batalhas lhe ensinou a brigar; invencivel derrota a *Scipião*, e lhe diz, que o seu braço é mais forte que a propria Roma; e Roma temendo o seu braço, não se atreve a aggredi-lo; cobarde, o manda assassinar peitando os criados do heróe lusitano, quando o homem só sabe que existe, porque respira.

Quarenta annos se volvêrão, de terror para Roma; e os heróes de cem batalhas, fogem espavoridos com o poder de um só homem!

Desta o pastor nasceu, que no seu nome
Se vê que de homem forte os feitos teve;
Cuja fama ninguem virá que dome,
Pois a grande de Roma não se atreve.
Esta, o velho que os filhos proprios come,
Por decreto do Céo, ligeiro e leve,
Veio a fazer no mundo tanta parte,
Creando-a reino illustre; e foi dest'arte.

CAMÕES.

Morto *Viriato*, corrêrão os tempos, e Portugal voltou para o antigo estado, ficando possessão hespanhola, até que circumstancias diversas o livrassem do jugo estranho.

Amigo da liberdade, um povo por muito tempo não póde carregar com a escravidão: ao primeiro aceno da liberdade, ei-lo em suas bandeiras, a sacudir os ferros que o torturão.

Invadida a Peninsula pelos adoradores do alcorão, *Henrique de Borgonha* (*), bis-

(*) Trinta tem sido o numero dos reis de Portugal, que successivamente occupárão o throno, dos quaes nove pertencem á casa de Borgonha; oito ao

neto de *Hugo Capeto*, rei de França, na frente dos cavalheiros francezes, veio ajudar á *Affonso IV* de Castella, a defender a fé da Redempção. Affonso, reconhecendo tão bondadoso serviço, assentou pagar-lhe devidamente casando-o com Thereza, filha de seu amor (1092), accrescentando ao dote tudo o que sobre a Hespanha possuissem os infieis. Portugal (*Porto calo*) era então occupado pelos discipulos de Mahomet, e depois de 17 victorias, que á elles ganhou Henrique de Borgonha, os expellio para longe, e se apossou do territorio, e se reconheceu conde de Portugal.

Os altos e incomprehensiveis decretos da Providencia puzerão termo ao viver de *Henrique* (*), e os seus amplos projectos descêrão

---

ramo da casa de Aviz; tres forão reis de Hespanha; e dez, inclusive duas senhoras, pertencem á casa de Bragança. A primeira casa começou em 1139, e acabou em 1383 ; a segunda acabou em 1580 ; a terceira em 1640 ; e a quarta ainda governa na pessoa de D. Pedro V.

(*) O padre Antonio Vieira na sua famosa *Historia do Futuro,* commentando as palavras de Jesus

com elle para o tumulo: porém ficando-lhe um filho digno de o succeder, não tardou muito, que os negocios de Portugal mudassem de face.

Christo, em relação ao governo temporal de D. Affonso Henrique, servindo-se da autoridade de Fr. Francisco de Foyos, diz que S. Bernardo em uma carta escripta a el-rei D. Affonso Henrique, com quem tinha particular e intima amizade, e correspondencia, a respeito das cousas presentes e futuras do reino, prophetisou com admiravel clareza o termo dos sessenta annos do castigo, e a continuação e successão dos reis portuguezes antes e depois della: a carta é a que se segue, conservada em muitos archivos do reino de Portugal, e divulgada fóra delle muitos annos antes da restauração:

« Dou graças a V. S. pela mercê e esmola que nos
« fez do sitio e terras de Alcobaça, para os frades
« fazerem mosteiro, em que sirvão a Deos, o qual
« em recompensação desta, que no céo lhe pagará,
« me disse lhe certificasse eu da sua parte que a
« seu reino de Portugal nunca faltarião reis por-
« tuguezes, salvo se pela graveza de culpas por
« algum tempo o castigar; não será tão comprido o
« prazo deste castigo, que chegue a termo de sessenta
« annos. De Claraval, 13 de Março de 1136.—*Ber-*
« *nardo.*»

A condicional do castigo cumprio-se mui pontualmente, que o castigo não chegaria ao termo de ses-

Um rei por nome Affonso foi na Hespanha,
Que fez aos sarracenos tanta guerra,
Que por armas sanguineas, força e manha
A muitos fez perder a vida e a terra.
Voando deste rei a fama estranha
Do Herculano Calpe á Caspia serra,
Muitos para na guerra esclarecer-se
Vinhão a elle, e á morte offerecer-se.

E c'um amor intrinseco acendidos
Da fé, mais que das honras populares,
Erão de varias terras conduzidos,
Deixando a patria amada e proprios lares.
Depois que em feitos altos e subidos
Se mostrárão nas armas singulares,
Quiz o famoso Affonso que obras taes
Levassem premio digno e dons iguaes.

---

senta annos, porque el-rei D. Felippe II foi jurado rei de Portugal nas côrtes de Thomar, em 26 de Abril do anno de 1581.—El-rei D. João IV nas côrtes de Lisboa, em 13 de Dezembro de 1640, que fazem 59 annos, cinco mezes menos alguns dias, ou sessenta annos não completos, como S. Bernardo tinha prophetisado.

MELLO MORAES.

Destes Henrique, dizem que segundo
Filho de um rei de Hungria exp'rimentado,
Portugal houve em sorte, que no mundo
Então não era illustre nem prezado.
E, para mais signal de amor profundo,
Quiz o rei castelhano que casado
Com Thereza, sua filha, o conde fosse :
E com ella das terras tomou posse.

Este depois que contra o descendente
Da escrava *Agar* victorias grandes teve,
Ganhando muitas terras adjacentes,
Fazendo o que a seu forte peito deve ;
Em premios destes feitos excellentes
Deu-lhe o Supremo Deos em tempo breve
Um filho, que illustrasse o nome ufano
Do bellicoso reino lusitano.

CAMÕES.

Affonso Henrique, herdeiro das virtudes, e bravuras de seu pai, bem que sob a tutela de Thereza, achando-se em idade, principiou a augmentar seus Estados ; e em guerra com Castella, vio-se forçado a fazer a paz, intervindo o delegado pontificio. Os sentimentos de seu pai, nunca os deixava, e por

isso, em continuadas guerras com os infieis, em 1140 ganhou a celebre batalha de *Ourique* (no Alemtejo) contra cinco reis mouros, sendo na mesma occasião acclamado rei de Portugal, por seus companheiros de armas; titulo, que foi confirmado pelas côrtes de Lamego.

As magnas leis de Portugal forão promulgadas neste reinado. Sempre em guerra com os mahometanos, Affonso, instituio differentes ordens de cavalleiros, e depois de gloriososfeitos morreu em 1184, em uma idade avançada, deixando a seu filho *Sancho* um reino fundado sobre solidas instituições, taes que ainda existem. No principio de seu reinado teve grandes desgostos domesticos, causados por sua mãi Thereza, os quaes omittimos, por nos não convir expôrmos.

Mas já o principe Affonso apparelhava
O lusitano exercito ditoso
Contra o mouro, que as terras habitava
D'além do claro Tejo deleitoso;
Ja no campo de Ourique se assentava
O arraial soberbo e bellicoso
Defronte do inimigo sarraceno;
Posto que em força e gente tão pequeno.

Em nenhuma outra cousa confiado,
Senão no summo Deos que o céo regia;
Que tão pouco era o povo baptisado,
Que para um só cem Mouros haveria;
Julga qualquer juizo socegado
Por mais temeridade que ousadia
Commetter um tamanho ajuntamento,
Que para um cavalheiro houvesse cento.

Cinco reis mouros são os inimigos,
Dos quaes o principal Ismar se chama,
Todos experimentados nos perigos
Da guerra, onde se alcança illustre fama.

. . . .

. . . .

A matutina luz serena e fria
As estrellas do polo já apontava,
Quando na cruz O FILHO DE MARIA,
Amostrando-se a Affonso, o animava,
Elle adorando QUEM lhe apparecia,
Na fé todo inflammado, assim gritava: —
Aos infieis, SENHOR, aos infieis,
E não á mim, que creio o que podeis!

Com tal milagre os animos da gente
Portugueza inflammados, levantavão

Por seu rei natural este excellente
Principe, que do peito tanto amavão:
E diante do exercito potente
Dos inimigos gritando o céo troavão,
Dizendo em alta voz: Real! Real!
Por Affonso, alto rei de Portugal.

Já fica vencedor o lusitano,
Recolhendo os trophéos e preza rica.

. . . .

. . . .

Aqui pinta no branco escudo ufano,
Que agora esta victoria certifica,
Cinco escudos azues esclarecidos,
Em signal destes cinco reis vencidos.

E neste cinco escudos pinta os trinta
Dinheiros por que Deos fôra vendido,
Escrevendo a memoria em varias tintas
Daquelle de quem foi favorecido,
Em cada um dos cinco, cinco pinta,
Porque assim fica o numero comprido,
Contando duas vezes o do meio
Dos cinco azues, que em cruz pintando veio.

. . . .

. . . . ,

De tamanhas victorias triumphava
O velho Affonso, principe subido,
Quando quem tudo emfim vencido andava,
Da larga e muita idade foi vencido,
A pallida doença lhe tocava
Com fria mão o corpo enfraquecido;
E pagárão seus annos deste geito
A triste Libitina seu direito.

Os altos promontorios o chorárão,
E dos rios as aguas saudosas
Os semeados campos alagárão
Com lagrimas correndo piedosas.
Mas tanto pelo mundo se alargárão
Com fama suas obras valorosas,
Que sempre no seu reino chamárão
Affonso, Affonso, os écos: mas em vão!

CAMÕES.

Sancho I, subindo ao throno, mandou edificar muitas cidades e villas, pelo que mereceu o titulo de *Povoador;* bem como, continuando com as conquistas, veio a augmentar seus Estados. O reino que assim caminhava, teve de soffrer diversas calamidades, que o rei as não podia remediar; e Sancho I com mágoa profunda, presenciava um povo soberano extinguir-se, pela fome e peste; e por

mais desgraça, resistia com as armas nas mãos aos infieis que lhe á porta batião a cada instante, e a cada hora.

O reinado de Sancho II, não foi longo; e tomando conta do governo em 1233, findou-o em 1240, tendo antes sido deposto por *Innocencio IV*, por sua pessima conducta, para com os ecclesiasticos: succedendo-lhe *Affonso II*, cognominado *o gordo*. Este principe, casando-se com D. Urraca, filha de Affonso IX, rei de Castella, sustentou por muitos annos com o rei de Leão uma cruel guerra; odiava os ecclesiasticos, e pelo que duas vezes foi excommungado. Com o tempo sua conducta mudou, e se tornou, por boas leis que então fez, amado do povo; de modo que os impostos não pesando muito sobre seus subditos, consentia, que as fortunas augmentassem. Os generos das primeiras necessidades erão isentos de tributos (*).

(*) Algumas reflexões tinha eu a fazer a respeito deste notavel acontecimento, se o limitado deste esboço me não impedisse, e para o que me reservo para outra occasião, que não estará longe.

MELLO MORAES.

Affonso III tinha sido regente, e casado com Brites, filha de Affonso-o-Sabio, rei de Castella, succedeu effectivamente no throno ao depois. Seu reinado foi um dos mais felizes que teve Portugal, por se não poupar ao bem do povo, e do paiz.

Conquistando o Algarve se intitulou rei de Portugal, e do Algarve.

Morto depois Affonso, lhe succede
Sancho Segundo, manso e descuidado,
Que tanto em seus descuidos se desmede,
Que de outrem quem mandava era mandado.
De governar o reino, que outro pede,
Por causa dos privados foi privado;
Porque, como por elles se regia,
Em todos os seus vicios consentia.

Não era Sancho, não, tão deshonesto
Com Nero, que um moço recebia
Por mulher, depois horrendo incesto
Com a mãi Agrippina commettia;
Não tão cruel ás gentes e molesto.
Que a cidade queimasse onde vivia;
Nem tão máo como foi Heleogabálo,
Nem como o molle rei Sardanapálo.

Nem era o povo seu tyrannisado,
Como Sicilia foi de seus tyrannos;
Nem tinha como Phalaris achado
Generos deshonestos inhumanos;
Mas o reino, de altivo e costumado
A senhores em tudo soberanos,
A rei não obedece nem consente,
Que não fôr mais que todos excellente.

Por esta causa o reino governou
O conde Bolonhez, depois alçado
Por rei, quando da vida se apartou
Seu irmão Sancho sempre ao ocio dado.
Este, que Affonso-o-Bravo se chamou,
Depois de ter o reino segurado,
Em dilata-lo cuida; que em terreno
Não cabe o altivo peito tão pequeno.

Da terra dos Algarves que lhe fôra
Em casamento dada grande parte
Recupera co'o braço, e deita fóra
O mouro mal querido já de Marte.
Este de todo fez livre e senhora
Lusitania com força e bellica arte,
E acabou de opprimir a nação forte
Na terra que aos Lusos coube em sorte.

CAMÕES.

Morto Affonso, Diniz I lhe succede pelos annos de 1279, no throno de Portugal. Seu genio pacifico, em vez de armas, entregou-se á outros cuidados de grande valia e apreço. As sciencias e artes, as letras e a poesia forão principalmente os objectos dos seus desvelos e favores; e por isso, desejando o seu mór incremento, fundou a celebre universidade de Coimbra sobre os alicerces da antiga. Passando uma mocidade feliz, no meio de um povo, que o idolatrava, e mui amado de uma esposa virtuosa (Isabel de Aragão) teve por fim de experimentar algumas perturbações, devidas ás imprudencias de um filho, que lhe succedeu com o titulo de Affonso IV.

Eis depois vem Diniz, que bem parece
Do bravo Affonso estirpe nobre e dina.
Com quem a fama grande se escurece
Da liberalidade Alexandrina.
Com este o reino prospero floresce
(Alcançada já a paz aurea divina)
Em constituições, leis e costumes,
Na terra já tranquilla claros lumes.

. . . .

. . . .

E de Helicona as Musas fez passar-se
A pisar do Mondego a fertil herva.
Quanto póde de Athenas desejar-se,
Tudo o soberbo Apollo aqui reserva:
Aqui as capellas dá tecidas de oiro,
Do baccharo, e do sempre verde loiro.

Nobres villas de novo edificou,
Fortalezas, castellos mui seguros;
E quasi o reino todo reformou
Com edificios grandes e altos muros.
Mas, depois que a dura Atropos cortou
O fio de seus dias já maduros,
Ficou-lhe o filho pouco obediente
Quarto Affonso mais forte e excellente.

Este monarcha, de um proceder reprehensivel, foi máo filho, pessimo pai; porém dizem que, apezar disso, era dotado de um coração flexivel. Desde os seus verdes annos, teve a seu lado homens probos, que não lisongeavão seu altivo genio; quando subio ao throno, do mesmo modo encontrou ministros dignos de um rei, que sabião occupar a nobre posição que tinhão, chegando um delles em certa occasião a dizer-lhe —que convinha que S. A. se corrigisse, se

. . . .

não.....—Se não o que? lhe tornou Affonso, com aspereza.—Se não, escolheremos outro rei, que bem nos governe, e melhor saiba cumprir seus deveres. (*)—Affonso, de então por diante, mudou de conducta, e entrando em seus deveres, combateu os sarracenos, e ganhou a famosa batalha do Salado, dada á Hespanha, sob o dominio dos infieis, em 29 de Outubro de 1340, ficando sobre o campo

---

(*) Se os reis tivessem sempre junto a si homens da tempera desses antigos Portuguezes, que lhes fallassem a verdade fazendo-lhes sentir que são homens iguaes aos outros, e que têm deveres para com os seus semelhantes, não se veria tantos abusos e perversidades como se têm dado. Porém desgraçadamente a vaidade humana, filha de sua fraqueza, se deixa arrastar pelos lisongeiros e aduladores, que sempre são máus conselheiros, á suppôrem-se entes de origem divina com sangue azul ou amarello. A realeza não tem origem no direito divino, porque Deos não delegou o seu poder a ninguem: é um estado da sociedade, que o tempo e a fortuna têm conservado, para o bem-estar dos homens em communidade. Não conhecemos sorte mais desgraçada que a de um rei decahido, que até os elementos se conspirão contra elle, a servir-lhe de escarneo.

MELLO MORAES.

inimigo 200,000 musulmanos. Quasi no fim de seu reinado, por máos conselhos, mandou matar a D. Ignez de Castro, mulher legitima de D. Pedro I, que lhe succedeu na corôa, em 1357. Camões no canto III, desde a estancia 99 até 118, descreve o reinado deste monarcha, e por fim diz:

Passada esta tão prospera victoria,
Tornando Affonso á lusitana terra
A se lograr da paz com tanta gloria,
Quanto soube ganhar na dura guerra,
O caso triste e digno de memoria,
Que do sepulcro os homens desenterra,
Aconteceu á misera e mesquinha
Que depois de ser morta foi rainha.

. . . .

Estavas, linda Ignez, posta em socego,
De teus annos colhendo doce fruito,
Naquelle engano da alma, ledo e cego,
Que a fortuna não deixa durar muito,
Nos saudosos campos do Mondego,
De teus formosos olhos nunca enxuito,
Aos montes ensinando e ás hervinhas
O nome que no peito escripto tinhas.

. . . .

O velho pai sisudo, que respeita
O murmurar do povo, e a fantasia
Do filho, que casar-se não queria.

Tirar Ignez ao mundo determina,
Por lhe tirar o filho que tem preso;
Crendo c'o sangue só da morte indina
Matar do firme amor o fogo aceso.
Que furor consentio que a espada fina,
Que pôde sustentar o grande peso
Do furor mouro, fosse levantada
Contra uma fraca dama delicada?

. . . .

O' tu, que tens de humano o gesto e o peito
(Se de humano é matar uma donzella
Fraca e sem força só por ter sujeito
O coração a quem soube vencê-la),
A estas criancinhas tem respeito,
Pois o não tens á morte escura della:
Mova-te a piedade, sua e minha,
Pois te não move a culpa que não tinha.

E se vencendo a moura resistencia,
A morte sabes dar com fogo e ferro,
Sabe tambem dar a vida com clemencia
A quem para perdê-la não fez erro.

Mas, se t'o assim merece esta innocencia,
Põe-me em perpetuo e misero desterro
Na Scythia fria ou lá na Lybia ardente,
Onde em lagrimas viva eternamente.

Põe-me onde se use toda a feridade,
Entre leões e tigres; e verei
Se nelles achar posso a piedade
Q'entre peitos humanos não achei.
Ali co'amor intrinseco e vontade
Naquelle por quem morro, crearei
Estas reliquias suas que aqui viste,
Que refrigerio sejão da mãi triste.

Queria perdoar-lhe o rei benino,
Movido das palavras que o magôão:
Mas o pertinaz povo, e seu destino
Que desta sorte o quiz, lhe não perdôão.

. . . .

Qual contra a linda moça Polyxena,
Consolação extrema da mãi velha,
Porque a sombra de Achilles a condemna,
Co'o ferro o duro Pyrrho se apparelha:
Mas ella os olhos, com que o ar serena
(Bem como paciente e mansa ovelha),
Na misera mãi postos, que endoudece,
Ao duro sacrificio se offerece:

Taes contra Ignez os brutos matadores
No collo de alabastro, que sostinha
As obras com que amor matou de amores
Aquelle que depois a fez rainha,
As espadas banhando, e as brancas flôres
Que ella dos olhos seus regadas tinha,
Se encarniçavão, fervidos e irosos,
No futuro castigo não cuidosos.

. . . .

Assim como a bonina, que cortada
Antes do tempo foi, candida e bella,
Sendo das mãos lascivas maltratada
Da menina, que a trouxe na capella,
O cheiro traz perdido, e a côr murchada :
Tal está morta a pallida donzella,
Seccas do rosto as rosas, e perdida
A branca e viva côr, co'a a doce vida.

Camões.

O principe D. Pedro, dotado de um coração bem formado, foi obrigado por seu pai a casar-se com uma filha de Castella, e não sendo este contracto partilha de seu coração, occultamente amou, inda viva sua mu-

lher D. Constança de Vilhena, a Ignez de Castro, camarista da princeza. Morta Constança, secretamente casou-se com Ignez de Castro, que muito o tinha captivado. Affonso IV (pai de D. Pedro), assim que soube de uma tal união, muito se affligio, e por sinis tros conselhos fingio não sabê-lo, e quiz forçar o principe á novas nupcias, e encontrando resistencia, mandou assassinar a mulher impeccavel. Morta Castro, o principe em desesperação tentou contra seu pai, por conhecer o mal que lhe havia feito, roubando-lhe o ai-Jesus de seus olhos. Porém não obstante as tribulações de seu angustiado espirito, cedeu ao imperio da paternidade, e conservando no animo uma vingança futura contra os monstros, invejosos das venturas de uma mulher, em quem a natureza tinha depositado todos os encantos, foi dissimulando até que subio ao throno. No poder, o principe D. Pedro o primeiro passo que deu foi exigir de Castella a entrega dos assassinos de sua muito amada, e nunca esquecida mulher.

Assim, chegando á Portugal Coelho e Gonçalves, forão cruelmente executados, escapando Pacheco, que fugira para a França,

d'onde não foi possivel vir. Isto feito, D. Pedro foi exhumar os restos preciosos de Ignez de Castro, pondo-lhe na insensivel cabeça a corôa, e lhe fez as honras, que seu coração pedia.

D. Pedro, que pelo facto de trincar os corações assassinos, mereceu o nome de cruel, foi logo depois por actos de clemencia e justiça, substituido pelo de—justiceiro. D. Pedro durante o seu reinado teve uma conducta exemplar, e ácerca de quem se dizia que, ou elle não deveria ter nascido, ou não devia morrer: uma unica vez convocou as côrtes em Elvas em 1361, e de saudades morreu em 1367, tendo feito excellentes leis para o reino: sendo substituido por D. Fernando I, que nada praticou que merecesse a perpetuidade na memoria dos homens.

. . . .

. . . .

Não correu muito tempo que a vingança
Não visse Pedro das mortaes feridas;
Que, em tomando do reino a governança,
A tomou dos fugidos homicidas,
O concerto fizerão duro e injusto,
Que com Lepido e Antonio fez Augusto.

Este, castigador foi rigoroso
De latrocinios, mortes, e adulterios;
Fazer nos máos cruezas, feroz e iroso,
Erão os seus mais certos refrigerios.
As cidades guardando justiçoso
De todos os soberbos vituperios,
Mais ladrões castigando á morte deu
Que o vagabundo Alcides ou Theseo.

Do justo e duro Pedro nasce o brando
(Vêde da natureza o desconcerto!)
Remisso, e sem cuidado algum. Fernando,
Que todo o reino pôz em muito aperto:
Que vindo o Castelhano devastando
As terras sem defesa, esteve perto,
De destruir-se o reino totalmente:
Que um fraco rei faz fraca a forte gente.

CAMÕES.

A casa de Borgonha, tendo dado começo e incremento ao reino, não fez mais do que viver em guerras com os sarracenos, e apresentar o caracter religioso das cruzadas. Extincta em D. Fernando, um ramo da casa de Aviz sobe ao throno na pessoa de João I, que em 1385 ganhou a

decantada victoria de Aljubarrota aos Castelhanos; deu principio ás conquistas d'Africa, afim de dilatar os dominios portuguezes, e como os seus marinheiros frequentavão os mares, João Gonçalves Zargo descobrio a ilha da Madeira, no mesmo anno em que Tristão abica nas Canarias, e as saúda pela primeira vez (*).

(*) Reinava em Portugal João primeiro,
Aquelle grande herói d'alta memoria,
Aquelle pai da patria justiceiro,
De quem falla submissa a lusa historia:
Ainda deste impavido guerreiro,
A quem propicia foi sempre a victoria,
Longe de Ceuta aonde se escondia
Zalá Bençala pavido tremia.

Mas para que esta empresa assaz temivel
Pareça aos Lusos menos arriscada,
E porque lhes não seja tão sensivel
Navegação tão ardua e dilatada;
Ilha grande apparece, que aprazivel
Por nobres Portuguezes habitada,
Em serena bahia, em porto amigo
Lhes possa dar refresco, e doce abrigo.

O illustre Zargo, o capitão preclaro,
Que em quilha ondante as ondas senhoreia,
E por intrepido após do mouro ignaro
Fixanda a méta nelle o mar volteia,

Despois de procellosa tempestade,
Nocturna sombra e sibilante vento,
Traz a manhãa serena claridade,
Esperança de porto, e salvamento:
Aparta o sol a negra escuridade,
Removendo o temor ao pensamento:
Assi no reino forte aconteceu,
Despois que o rei Fernando falleceu.

Porque se muito os nossos desejárão
Quem os damnos e offensas vá vingando
Naquelles, que tão bem se aproveitárão
Do descuido remisso de Fernando,

Aquelle invicto heróe de esforço raro,
Que Henrique liberal tanto apreceia,
Será quem cedo por maior grandeza
De a descobrir ao mundo tente a empresa.

Era Zargo de celebre ascendencia,
Heróe, neto de heróes, e de heróe filho,
De quem fazia estima, e confidencia
O infante, que do pai seguia o trilho,
Sua honra, valor, zelo, e prudencia
Lhe derão ás acções tão claro brilho.
Que apezar de ser já grande em nobreza,
Por ellas veio a ser nobre em grandeza.

Medina Zargueida, C. 1.

Despois de pouco tempo o alcançárão,
Joanne sempre illustre alevantando
Por rei, como de Pedro unico herdeiro,
(Ainda que bastardo) verdadeiro.

Ser isto ordenação dos Céos divina
Por signaes muito claros se mostrou,
Quando em Evora a voz de uma menina,
Ante tempo fallando, o nomeou,
E, como cousa emfim que o Céo destina,
No berço o corpo e a voz alevantou:
Portugal! Portugal! alçando a mão,
Disse, pelo rei novo Dom João.

Alteradas então do reino as gentes
Co' o odio que occupado os peitos tinha,
Absolutas cruezas e evidentes
Faz do povo o furor, por onde vinha:
Matando vão amigos e parentes
Do adultero conde, e da rainha,
Com que sua incontinencia deshonesta
Mais, despois de viuva, manifesta.

Mas elle emfim, com causa deshonrado,
Diante della a ferro frio morre,
De outros muitos na morte acompanhado;
Que tudo o fogo erguido queima e corre:

Quem, como Astyanax, precipitado
(Sem lhe valerem ordens) de alta torre;
A quem ordens, nem aras, nem respeito;
Quem nu por ruas, e em pedaços feito.

Podem-se pôr em longo esquecimento
As cruezas mortaes, que Roma vio,
Feitas do feroz Mario, e do cruento
Sylla, quando o contrario lhe fugio.
Por isso Leonor, que o sentimento
Do morto conde ao mundo descobrio,
Faz contra Lusitania vir Castella,
Dizendo ser sua filha herdeira della.

Beatriz era a filha, que casada
Co' o Castelhano está, que o reino pede,
Por filha de Fernando reputada,
Se a corrompida fama lh'o concede.
Com esta voz Castella alevantada,
Dizendo que esta filha ao pai succede,
Suas forças ajunta para as guerras
De varias regiões e varias terras.

Vem de toda a provincia, que de um Brigo
(Se foi) ja teve o nome derivado;
Das terras que Fernando, e que Rodrigo
Ganhárão do tyranno e mauro estado.

Não estimão das armas o perigo
Os que cortando vão co'o duro arado
Os campos leonezes, cuja gente
Co'os Mouros foi nas armas excellente.

Os Vandalos, na antigua valentia
Ainda confiados, se ajuntavão
Da cabeça de toda Andaluzia,
Que do Guadalquibir as aguas lavão.
A nobre ilha tambem se apercebia,
Que antiguamente os Tyrios habitavão,
Trazendo por insignias verdadeiras
As herculeas columnas nas bandeiras.

Tambem vem lá do reino de Toledo,
Cidade nobre e antigua, a quem cercando
O Tejo em torno vai suave e ledo,
Que das serras de Conca vem manando.
A vós outros tambem não tolhe o medo,
Ó sordidos Gallegos, duro bando,
Que para resistirdes, vos armastes,
Áquelles cujos golpes já provastes.

Tambem movem da guerra as negras furias
A gente biscainha, que carece
De polidas razões, e que as injurias
Muito mal dos estranhos compadece.

A terra de Guipuscua, e das Asturias,
Que com minas de ferro se ennobrece,
Armou delle os soberbos moradores,
Para ajudar na guerra a seus senhores.

Joanna, a quem do peito o esforço cresce,
Como a Samsão Hebreio da guedelha,
Posto que tudo pouco lhe parece,
Co'os poucos de seu reino se apparelha.
E, não porque conselho lhe fallece,
Co'os principaes senhores se aconselha,
Mas só por ver das gentes as sentenças,
Que sempre houve entre muitos differenças.

Não falta com razões quem desconcerte
Da opinião de todos na vontade,
Em quem o esforço antiguo se converte
Em desusada e má deslealdade.
Podendo o temor mais, gelado, inerte,
Que a propria e natural fidelidade,
Negão o rei e a patria, e se convém,
Negaráõ, como Pedro, o Deos que têm.

Mas nunca foi que este erro se sentisse
No forte Dom Nuno Alvares: mas antes,
Posto que em seus irmãos tão claro o visse
Reprovado as vontades inconstantes,

Aquellas duvidosas gentes disse
Com palavras mais duras que elegantes,
A mão na espada, irado e não facundo,
Ameaçando a terra, o mar, e o mundo:

Como? da gente illustre portugueza
Ha de haver quem refuse o patrio Marte?
Como? desta provincia, que princeza
Foi das gentes na guerra em toda parte,
Ha de sahir quem negue ter defesa?
Quem negue a fé, o amor, o esforço e arte
De Portuguez, e por nenhum respeito
O proprio reino queira ver sujeito?

Como? não sois vós inda os descendentes
Daquelles, que debaixo da bandeira
Do grande Henriques, feros e valentes,
Vencêrão esta gente tão guerreira,
Quando tantas bandeiras, tantas gentes
Puzerão em fugida, de maneira
Que sete illustres condes lhe trouxerão
Presos, afóra a preza que tiverão?

Com quem forão contino sopeados
Estes, de quem o estais agora vós,
Por Diniz e seu filho sublimados,
Senão co'os vossos fortes pais e avós?

Pois se com seus descuidos, ou peccados,
Fernando em tal fraqueza assi vos pôz,
Torne-vos vossas forças o rei novo ;
Se é certo que co'o rei se muda o povo.

Rei tendes tal, que se o valor tiverdes
Igual ao rei que agora alevantastes,
Desbaratareis tudo o que quizerdes,
Quanto mais a quem já desbaratastes.
E se com isto emfim vos não moverdes
Do penetrante medo que tomastes,
Atai as mãos a vosso vão receio,
Que eu só resistirei ao jugo alheio.

Eu só com meus vassallos, e com esta,
(E dizendo isto arranca meia espada)
Defenderei da força dura e infesta
A terra nunca de outrem subjugada.
Em virtude do rei, da patria mesta,
Da lealdade, ja por vós negada,
Vencerei não só estes adversarios,
Mas quantos a meu rei fôrem contrarios.

Bem como entre os mancebos recolhidos
Em Canusio, reliquias sós de Cannas,
Já para se entregar, quasi movidos,
A fortuna das forças africanas,

Cornelio moço os faz, que compellidos
Da sua espada jurem, que as romanas
Armas não deixarão, emquanto a vida
Os não deixar, ou nellas fôr perdida :

Dest'arte a gente fórça e esforça Nuno,
Que com lhe ouvir as ultimas razões
Removem o temor frio, importuno,
Que gelados lhe tinha os corações.
Nos animaes cavalgão de Neptuno,
Brandindo e volteando arremessões;
Vão correndo e gritando á boca aberta :
Viva o famoso rei que nos liberta !

Das gentes populares, uns approvão
A guerra com que a patria se sostinha ;
Uns as armas alimpão e renovão,
Que a ferrugem da paz gastadas tinha;
Capacetes estofão, peitos provão;
Arma-se cada um como convinha;
Outros fazem vestidos de mil côres,
Com letras e tenções de seus amores.

Com toda esta lustrosa companhia,
Joanne forte sahe da fresca Abrantes :
Abrantes, que tambem da fonte fria
Do Tejo logra as aguas abundantes.

Os primeiros armigeros regia
Quem para reger era os mui possantes
Orientaes exercitos sem conto,
Com que passava Xerxes o Hellesponto:

Dom Nuno Alvares, digo, verdadeiro
Açoute de soberbos Castelhanos,
Como ja o fero Hunno o foi primeiro
Para Francezes, para Italianos.
Outro tambem famoso cavalleiro,
Que a ala direita tem dos Lusitanos,
Apto para manda-los e regê-los,
Mem Rodrigues se diz de Vasconcellos.

E da outra sala, que a esta corresponde,
Antão Vasques de Almada é capitão,
Que depois foi de Abranches nobre conde:
Das gentes vai regendo a sestra mão.
Logo na retaguarda não se esconde
Das quinas e castellos o pendão,
Com Joanne rei forte em toda parte,
Que escurecendo o preço vai de Marte.

Estavão pelos muros temerosas,
E de um alegre medo quasi frias,
Rezando as mãis, irmãas, damas, e esposas,
Promettendo jejuns e romarias.

Já chegão as esquadras bellicosas
Defronte das imigas companhias,
Que com grita grandissima os recebem;
E todas grande duvida concebem.

Respondem as trombetas mensageiras,
Pifaros sibilantes, e atambores;
Alferezes volteião as bandeiras,
Que variadas são de muitas côres.
Era no secco tempo que nas eiras
Ceres o fructo deixa aos lavradores,
Entra em Astréa o sol, no mez de Agosto,
Baccho das uvas tira o doce mosto.

Deu signal a trombeta castelhana,
Horrendo, fero, ingente, e temeroso:
Ouvio-o o monte Artabro; e Guadiana
Atrás tornou as ondas de medroso:
Ouvio-o o Douro, e a terra Transtagana;
Correu ao mar o Tejo duvidoso;
E as mãis, que o som terribil escuitárão,
Aos peitos os filhinhos apertárão.

Quantos rostos ali se vem sem côr,
Que ao coração acode o sangue amigo!
Que nos perigos grandes o temor
É menor muitas vezes que o perigo:

E se o não é, parece-o; que o furor
De offender ou vencer o duro imigo
Faz não sentir que é perda grande e rara,
Dos membros corporaes, da vida cara.

Começa-se a travar a incerta guerra,
De ambas partes se move a primeira ala;
Uns leva a defensão da propria terra,
Outros as esperanças de ganha-la.
Logo o grande Pereira, em quem se encerra
Todo o valor, primeiro se assignala;
Derriba e encontra, e a terra emfim semeia
Dos que a tanto desejão, sendo alheia.

Já pelo espesso ar os estridentes
Farpões, settas, e varios tiros vôão;
Debaixo dos pés duros dos ardentes
Cavallos treme a terra, os valles sôão;
Espedação-se as lanças, e as frequentes
Quédas co'as duras armas tudo atrôão;
Recrescem os imigos sobre a pouca
Gente do fero Nuno que os apouca.

Eis ali seus irmãos contra elle vão
(Caso feio e cruel!), mas não se espanta;
Que menos é querer matar o irmão,
Quem contra o rei e a patria se alevanta.

Destes arrenegados muitos são
No primeiro esquadrão, que se adianta
Contra irmãos e parentes (caso estranho!)
Quaes nas guerras civis de Julio e Magno.

O' tu Sertorio, ó nobre Coriolano,
Catilina, e vós outros dos antigos
Que contra vossas patrias com profano
Coração vos fizestes inimigos;
Se lá no reino escuro de Sumano
Receberdes gravissimos castigos,
Dizei-lhe que tambem dos Portuguezes
Alguns traidores houve algumas vezes.

Rompem-se aqui dos nossos os primeiros:
Tantos dos inimigos a elles vão!
Está ali Nuno, qual pelos outeiros
De Ceita 'stá o fortissimo leão,
Que cercado se vê dos cavalleiros
Que os campos vão correr de Tetuão:
Perseguem-no co'as lanças, e elle iroso,
Torvado um pouco está, mas não medroso.

Com torva vista os vê, mas a natura
Ferina, e a ira não lhe compadecem
Que as costas dê, mas antes na espessura
Das lanças se arremessa, que recrescem.

Tal está o cavalleiro, que a verdura
Tinge co'o sangue alheio. Ali perecem
Alguns dos seus, que o animo valente
Perde a virtude contra tanta gente.

Sentio Joanne a affronta que passava
Nuno; que, como sabio capitão,
Tudo corria e via, e a todos dava,
Com presença e palavras, coração.
Qual parida leôa, fera, e brava,
Que os filhos, que no ninho sós estão,
Sentio que, emquanto pasto lhe buscára,
O pastor de Massylia lh'os furtára:

Corre raivosa, e freme, e com bramidos
Os montes Sete-Irmãos atrôa e abala:
Tal Joanne, com outros escolhidos
Dos seus, correndo acode á primeira ala:
O' fortes companheiros, ó subidos
Cavalleiros, a quem nenhum se iguala,
Defendei vossas terras; que a esperança
Da liberdade está na vossa lança.

Vêdes-me aqui rei vosso e companheiro,
Que entre as lanças e settas, e os arnezes
Dos inimigos corro e vou primeiro:
Pelejai, verdadeiros Portuguezes.

Isto disse o magnanimo guerreiro;
E sopesando a lança quatro vezes,
Com força tira; e deste unico tiro
Muitos lançárão o ultimo suspiro.

Porque eis os seus accessos novamente
D'uma nobre vergonha e honroso fogo,
Sobre qual mais com animo valente
Perigos vencerá do marcio jogo,
Porfião: tinge o ferro o sangue ardente;
Rompem malhas primeiro, e peitos logo:
Assim recebem junto e dão feridas,
Como a quem ja não dóe perder as vidas.

A muitos mandão ver o estygio lago,
Em cujo corpo a morte e o ferro entrava:
O mestre morre ali de Sant-Iago,
Que fortissimamente pelejava:
Morre tambem, fazendo grande estrago,
Outro mestre cruel de Calatrava:
Os Pereiras tambem arrenegados
Morrem, arrenegando o Céo e os fados.

Muitos tambem do vulgo vil sem nome
Vão, e tambem dos nobres ao profundo;
Onde o trifauce cão perpétua fome
Tem das almas que passão deste mundo:

E, porque mais aqui se amanse e dome
A soberba do imigo furibundo,
A sublime bandeira castelhana
Foi derribada aos pés da lusitana.

Aqui a fera batalha se encruece
Com mortes, gritos, sangue e cutiladas;
A multidão da gente que perece
Tem as flôres da propria côr mudadas.
Já as costas dão e as vidas; ja fallece
O furor e sobejão as lançadas;
Já de Castella o rei desbaratado
Se vê, e de seu proposito mudado.

O campo vai deixando ao vencedor,
Contente de lhe não deixar a vida:
Seguem-no os que ficárão; e o temor
Lhe dá, não pés, mas azas á fugida.
Encobrem no profundo peito a dôr
Da morte, da fazenda despedida,
Da mágoa, da deshonra e triste nojo
De ver outrem triumphar de seu despôjo.

Alguns vão maldizendo e blasphemando
Do primeiro que guerra fez no mundo;
Outros a sêde dura vão culpando
Do peito cubiçoso e sitibundo,

Que, por o tomar alheio, o miserando
Povo aventura ás penas do profundo;
Deixando tantas mãis, tantas esposas
Sem filhos, sem maridos, desditosas.

O vencedor Joanne esteve os dias
Costumados no campo, em grande gloria:
Com offertas despois, e romarias,
As graças deu a quem lhe deu victoria.
Mas Nuno, que não quer por outras vias
Entre as gentes deixar de si memoria,
Senão por armas sempre soberanas,
Para as terras se passa transtaganas.

Ajuda-o seu destino de maneira,
Que fez igual o effeito ao pensamento;
Porque a terra dos Vandalos fronteira
Lhe concede o despôjo, e o vencimento.
Já de Sevilha a betica bandeira,
E de varios senhores n'um momento
Se lhe derriba aos pés, sem ter defesa,
Obrigados da força portugueza.

Destas e outras victimas longamente
Erão os Castelhanos opprimidos;
Quando a paz, desejada já da gente,
Derão os vencedores aos vencidos;

Despois que quiz o Padre omnipotente
Dar os reis inimigos por maridos
Ás duas illustrissimas inglezas,
Gentis, formosas, inclytas princezas.

Não soffre o peito forte, usado á guerra,
Não ter imigo já a quem faça damno;
E assi, não tendo a quem vencer na terra,
Vai commetter as ondas do Oceano.
Este é o primeiro rei que se desterra
Da patria, por fazer que o africano
Conheça pelas armas quanto excede
A lei de Christo á lei de Mafamede.

Eis mil nadantes aves pelo argento
Da furiosa Tethys inquieta
Abrindo as pandas azas vão ao vento
Para onde Alcides pôz a extrema meta.
O monte Abyla e o nobre fundamento
De Ceita toma, e o torpe Mahometa
Deita fóra; e segura toda a Hespanha
Da Juliana, má, e desleal manha.

Não consentio a morte tantos annos
Que de heróe tão ditoso se lograsse
Portugal, mas os córos soberanos
Do ceo supremo quiz que povoasse.

Mas para defensão dos Lusitanos
Deixou quem o levou quem governasse
E augmentasse a terra mais que d'antes,
Inclyta geração, altos infantes.

Não foi do rei Duarte tão ditoso
O tempo que ficou na summa alteza;
Que assi vai alternando o tempo iroso
O bem co'o mal, o gosto co'a tristeza.
Quem vio sempre um estado deleitoso?
Ou quem vio em fortuna haver firmeza?
Pois inda neste reino, e neste rei
Não usou ella tanto desta lei.

Vio ser captivo o santo irmão Fernando,
Que a tão altas empresas aspirava,
Que por salvar o povo miserando
Cercado, ao Sarraceno se entregava.
Só por amor da patria está passando
A vida de senhora feita escrava,
Por não se dar por elle a forte ceita:
Mais o publico bem que o seu respeita.

Codro, porque o inimigo não vencesse,
Deixou antes vencer da morte a vida;
Regulo, porque a patria não perdesse,
Quiz mais a liberdade ver perdida;

Este, porque se Hespanha não temesse,
A captiveiro eterno se convida.
Codro, nem Curcio, ouvido por espanto,
Nem os Decios leaes fizerão tanto.

Mas Affonso do reino unico herdeiro
(Nome em armas ditoso em nossa Hesperia)
Que a soberba do barbaro fronteiro
Tornou em baixa e humillima miseria,
Fôra por certo invicto cavalleiro,
Se não quizera ir ver a terra Iberia:
Mas Africa dirá ser impossibil,
Poder ninguem vencer o rei terribil.

Este póde colher as maçãas de ouro,
Que sómente o Tyrintio colher póde:
Do jugo que lhe pôz, o bravo mouro
A cerviz inda agora não sacode.
Na fronte a palma leva e o verde louro
Das victorias do barbaro, que acode
A defender Alcacer, forte villa,
Tangere populoso, e a dura Arzilla.

Porém ellas emfim, por força entradas,
Os muros abaixárão de diamante
Ás portuguezas forças, costumadas
A derribarem quanto achão diante.

Maravilhas em armas extremadas,
E de escriptura dignas elegante,
Fizerão cavalleiros nesta empresa,
Mais afinando a fama portugueza.

Porém despois, tocado de ambição,
E gloria de mandar, amara e bella,
Vai commetter Fernando de Aragão,
Sobre o potente reino de Castella.
Ajunta-se a inimiga multidão
Das soberbas e várias gentes della,
Desde Cadix ao alto Pyrenéo,
Que tudo ao rei Fernando obedeceu.

Não quiz ficar nos reinos ocioso
O mancebo Joanne; e logo ordena
De ir ajudar o pai ambicioso,
Que então lhe foi ajuda não pequena.
Sahio-se emfim do transe perigoso
Com fronte não torvada, mas serena,
Desbaratado o pai sanguinolento:
Mas ficou duvidoso o vencimento.

Porque o filho sublime e soberano,
Gentil, forte, animoso cavalleiro,
Nos contrarios fazendo immenso damno,
Todo um dia ficou no campo inteiro.

Dest'arte foi vencido Octaviano,
E Antonio vencedor, seu companheiro,
Quando daquelles que Cesar matárão,
Nos Philippicos campos se vingárão.

Porém despois que a escura noite eterna
Affonso aposentou no céo sereno,
O principe, que o reino então governa,
Foi Joanne segundo, e rei trezeno.
Este por haver fama sempiterna,
Mais do que tentar póde homem terreno,
Tentou, que foi buscar da roxa Aurora
Os terminos, que eu vou buscando agora.

Manda seus mensageiros, que passárão
Hespanha, França, Italia celebrada;
E lá no illustre porto se embarcárão,
Onde já foi Parthenope enterrada:
Napoles, onde os fados se mostrárão,
Fazendo-a a varias gentes subjugada,
Pola illustrar no fim de tantos annos
Co'o senhorio de inclytos Hispanos.

Pelo mar alto Siculo navegão;
Vão-se ás praias de Rhodes arenosas;
E dali ás ribeiras altas chegão,
Que com morte de Magno são famosas.

Vão a Memphis, e ás terras que se regão
Das enchentes Niloticas undosas;
Sobem á Ethiopia, sobre Egypto,
Que de Christo lá guarda o santo rito.

Passão tambem as ondas Erythreas,
Que o povo de Israel sem náu passou;
Ficão-lhe atrás as serras Nabatheas,
Que o filho de Ismael co'o nome ornou.
As costas odoriferas Sabeas,
Que a mãi do bello Adonis tanto honrou,
Cercão, com toda a Arabia descoberta
Feliz, deixando a Petrea, e a Deserta.

Entrão no estreito Persico, onde dura
Da confusa Babel inda a memoria:
Ali co'o Tigre o Euphrates se mistura,
Que as fontes onde nascem têm por gloria.
Dali vão em demanda da agua pura
(Que causa inda será de larga historia),
Do Indo, pelas ondas do Oceano,
Onde não se atreveu passar Trajano.

Vírão gentes incognitas e estranhas
Da India, da Carmania, e Gedrosia,
Vendo varios costumes, várias manhas,
Que cada região produz e cria.

Mas de vias tão asperas, tamanhas,
Tornar-se facilmente não podia:
Lá morrêrão emfim e lá ficárão;
Que á desejada patria não tornárão.

João I, que então estava todo embebido em conquistas, sendo acommettido por um mal pestilento, succumbio em 1433, succedendo-lhe D. Duarte, que continuou em o mesmo trilho; e á este D. Affonso, que como D. João I, morrêrão de peste, um em 1438, e o outro em 1481, succedendo-lhe neste mesmo anno João II, homem de bem e de bom caracter que, segundo dizem, acabou envenenado em 1495. Portugal neste ultimo reinado muito prosperou, pela protecção que o rei dava á navegação. Sabe-se queonde não chega um palmo de quilha, não ha abundancia, e nem prosperidade; e asnações onde é protegida a navegação floresce e cresce. Foi no reinado de João II, que Bartholomeu Dias avistou e dobrou o cabo da Boa-Esperança.

Deixando de parte muitos pormenores do reinado de D. João II, passaremos ao de seu successor D. Manoel, que tomou conta do

governo do Estado em 1495. Amestrado na escola da experiencia, e vendo as glorias reaes de seus maiores, adquiridas por conquistas, julgou igualmente nellas proseguir a levar o estandarte da nação ás mais remotas regiões da terra, e para o que

Parece que guardava o claro céo
A Manoel e seus merecimentos
Esta empresa tão ardua que moveu
A subidos e illustres movimentos.
Emmanuel que a Joanne succedeu
No reino, e nos altivos pensamentos,
Logo como tomou do reino cargo,
Tomou mais a conquista do mar largo.

O qual como de nobre pensamento
Daquella obrigação que lhe ficára
De seus antepassados (cujo intento
Foi sempre accrescentar a terra cara)
Não deixasse de ser um só momento
Conquistada no tempo que a luz clara
Foge, e as estrellas nitidas, que sahem,
A repouso convidão quando cahem;

Estando já deitado no aureo leito,
Onde imaginações mais certas são;

Revolvendo continuo no conceito
De seu officio e sangue a obrigação,
Os olhos lhe occupou o somno aceito,
Sem lhe desoccupar o coração;
Porque, tanto que lasso se adormece,
Morpheu em varias fórmas lhe apparece.

Aqui se lhe apresenta que subia
Tão alto, que tocava a prima esphera,
D'onde diante varios mundos via,
Nações de muita gente estranha e fera;
E lá bem junto d'onde nasce o dia,
Depois que os olhos longos estendêra,
Vio de antigos, longinquos e altos montes
Nascerem duas claras e altas fontes.

. . . .

Eu sou o illustre Ganges, que na terra
Celeste tenho o berço verdadeiro,
Est'outro é o Indo, rei, que nesta serra
Que vês, seu nascimento tem primeiro.
Custar-te-hemos comtudo dura guerra,
Mas insistindo tu, por derradeiro
Com não vistas victorias, sem receio,
A quantas gentes vês porás o freio.

Não disse mais o rio illustre e santo,
Mas ambos desparecem n'um momento.
Accorda Emmanuel c'um novo espanto,
E grande alteração de pensamento.

. . . .

Chama o rei os senhores a conselho,
E propõe-lhe as figuras da visão;

. . . .

Vasco da Gama, o forte capitão,
Que a tamanhas empresas se offerece
De soberbo e de altivo coração,
A quem fortuna sempre favorece.

. . . .

Eu vos tenho entre todos escolhido
Para uma empresa qual a vós se deve;
Trabalho illustre, duro e esclarecido;
O que eu sei, que por mi vos será leve.

. . . .

E já no porto da inclyta Ulysséa,
C'um alvoroço nobre, e c'um desejo,
(Onde o licôr mistura e branca arêa
Co'o o salgado Neptuno o doce Téjo)
As náos prestes estão: e não refrêa
Temor nenhum o juvenil despejo,

Porque a gente maritima, e a de Marte,
Estão para seguir-me á toda parte.

. . . .

Depois de apparelhado desta sorte
De quanto tal viagem pede e manda,
Apparelhamos a alma para a morte,
Que sempre aos nautas ante os olhos anda.
Para o Summo poder, que a etherea côrte
Sustenta só co'a vista veneranda,
Implorámos favor que nos guiasse,
E que nossos começos aspirasse.

CAMÕES.

Note-se que o reinado de D. Manoel foi para Portugal uma época gloriosa, porquanto a intrepidez dos seus capitães tornou-o respeitavel por todo o orbe. A justiça, e equidade era a divisa do poder; a parcialidade, e venalidade dos magistrados erão rigorosamente castigadas. A ninguem se opprimia que carecesse de justiça. Nunca Portugal foi mais liberal, e nem mais feliz em empresas extraordinarias, levadas a effeito por grandes homens, que vivião neste reinado! *Vasco da Gama*, em 9 de Julho de 1497,

fez-se de vela para as Indias Orientaes. Fazendo conhecer, e respeitar a preciosa Arvore da Redempção, e o pavilhão nacional por toda a parte, dobrou o cabo procelloso em 20 de Novembro de 1497; Cabral, tomando diversa derrota, descobre as praias douradas da terra de Santa Cruz; Côrte Real, visita o banco de Terra-Nova, o rio de S. Lourenço, a terra do Lavrador, o estreito da bahia de Hudson, na America do Norte. (Vide em Camões, Durão, Caramurú, Medina, Zargueida, Côrte-Real, Osorio, Affonsiada, a exposição destes factos.) Quantas façanhas memoraveis não fizerão os homens de armas de Portugal! Elles explorárão todas as terras e mares desconhecidos na Africa, America e na Asia. Abastecido e vestido de glorias proprias, sorria comsigo mesmo quando fantasiava em suas aventuras. Morreu Manoel-o-Grande, e seu filho João III lhe succedeu, e devendo seguir a gloriosa estrada, que lhe abriu seu pai, apartou-se de todo della, cobrindo a sua memoria com sangue e prejuizos. Seus recentes Estados das Indias se rebellárão, dando lugar a muita carnificina. Carlos V, invejoso das possessões portuguezas, move-lhe guerras, e procura sublevar suas colonias. Neste

reinado tiverão começo os jesuitas, pelo que o fanatico rei os estabeleceu no convento de Santo Antonio de Lisboa.

Morto João III, seu neto D. Sebastião, de tenra idade, lhe succedeu no throno (1557) debaixo das vistas de D. Aleixo de Menezes, homem verdadeiramente grande, e de eterna memoria por suas virtudes, e do jesuita Luiz Gonçalves da Camara.

Vós, tenro e novo ramo florescente
De uma arvore de Christo mais amada,
Que nenhuma nascida no Occidente,
Cesarea ou christianissima chamada,
Vêde-o no vosso escudo, que presente
Vos amostra a victoria já passada;
Na qual vos deu por armas e deixou
As que elle para si na cruz tomou.

Camões.

Camões, depois de contar minuciosamente toda a historia do esforço portuguez nesta empresa prodigiosa, conclue o seu monumento historico geographico ensinando aos navegantes os lugares e costumes, e aos reis a escolherem homens para os ajudar a governar dizendo:

Mas passo esta materia perigosa,
E tornemos á costa debuxada.
Já com esta cidade tão famosa,
Se faz curva a Gangetica enseada.
Corre Narsinga rica e poderosa,
Corre Orixa, de roupas abastada:
No fundo da enseada o illustre rio
Ganges vem ao salgado senhorio;

Ganges, no qual os seus habitadores
Morrem banhados, tendo por certeza,
Que inda que sejão grandes peccadores,
Esta agua santa os lava e dá pureza.
Vê Cathigão, cidade das melhores
De Bengala, provincia que se préza
De abundante; mas olha que está posta
Para o Austro, daqui virada a costa.

Olha o reino Arracão, olha o assento
De Pegu, que já monstros povoárão;
Monstros filhos do feio ajuntamento
D'uma mulher e um cão, que sós se achárão.
Aqui soante arame no instrumento
Da geração costumão; o que usárão
Por manha da rainha, que inventando
Tal uso, deitou fóra o error nefando.

Olha Tavai, cidade onde começa
De Sião largo o imperio tão comprido;
Tenassarí, Quedá, que é só cabeça
Das que pimenta ali têm produzido.
Mais avante fareis que se conheça
Malaca por emporio ennobrecido,
Onde toda a provincia do mar grande
Suas mercadorias ricas mande.

Dizem que desta terra, co'as possantes
Ondas o mar entrando, dividio
A nobre ilha Samatra, que ja d' antes
Juntas ambas a gente antigua vio.
Chersoneso foi dita; e das prestantes
Veias d'ouro, que a terra produzio,
Aurea por epithéto lhe ajuntárão:
Alguns que fosse Ophir imaginárão.

Mas na ponta da terra Cingapura
Verás, onde o caminho ás náus se estreita:
Daqui tornando a costa á Cynosura,
Se encurva, e para a Aurora se endireita.
Vês Pam, Patane, reinos, e a longura
De Sião que estes e outros mais sujeita.
Olha o rio Menão, que se derrama
Do grande lago, que Chiamai se chama.

Vês neste grão terreno os differentes
Nomes de mil nações nunca sabidas;
Os Laos em terra e numero potentes,
Avás, Bramás, por serras tão compridas.
Vê nos remotos montes outras gentes,
Que Gueos se chamão, de selvages vidas:
Humana carne comem, mas à sua
Pintão com ferro ardente; usança crua.

Vês passa por Camboja Mecom rio,
Que capitão das aguas se interpreta;
Tantas recebe d'outro só no estio,
Que alaga os campos largos e inquieta:
Tem as enchentes, quaes o Nilo frio:
A gente delle crê, como indiscreta,
Que pena, e gloria têem despois da morte
Os brutos animaes de toda sorte.

Este receberá placido e brando
No seu regaço os cantos, que molhados
Vêm do naufragio triste e miserando,
Dos procellosos baixos escapados,
Das fomes, dos perigos grandes, quando
Será o injusto mando executado
Naquelle, cuja lyra sonorosa
Será mais afamada que ditosa.

Vês corre a costa que Champá se chama,
Cuja matta é do páu cheiroso ornada;
Vês Cauchichina está de escura fama;
E de Ainão vê a incognita enseada.
Aqui o soberbo imperio, que se afama
Com terras, e riquezas não cuidada,
Da China corre, e occupa o senhorio
Desd'o Tropico ardente ao Cinto frio.

Olha o muro e edificio nunca crido,
Que entre um imperio e o outro se edifica;
Certissimo signal, e conhecido,
Da potencia real, soberba e rica.
Estes, o rei que têm, não foi nascido
Principe, nem dos pais aos filhos fica;
Mas elegem aquelle que é famoso
Por cavalleiro sabio e virtuoso.

Inda outra muita terra se te esconde,
Até que venha o tempo de mostrar-se.
Mas não deixes no mar as ilhas, onde
A natureza quiz mais afamar-se.
Esta, meia escondida, que responde
De longe á China, d'onde vem buscar-se,
É Japão, onde nasce a prata fina;
Que illustrada será co'a lei divina.

Olha cá pelos mares do Oriente
As infinitas ilhas espalhadas:
Vê Tidore e Ternate, co'o fervente
Cume, que lança as flammas ondeadas:
As arvores verás do cravo ardente,
Co'o sangue portuguez inda compradas.
Aqui ha as aureas aves, que não descem
Nunca á terra, e só mortas apparecem.

Olha de Banda as ilhas, que se esmaltão
Da varia côr que pinta o roxo fructo;
As aves variadas, que ali saltão,
Da verde noz tomando seu tributo.
Olha tambem Borneo, onde não faltão
Lagrimas, no licôr coalhado e enxuto
Das arvores, que camphora é chamado:
Com que da ilha o nome é celebrado.

Ali tambem Timor, que o lenho manda
Sandalo salutifero e cheiroso:
Olha a Sunda tão larga, que uma banda
Esconde para o Sul difficultoso:
A gente, do sertão que as terras anda,
Um rio diz que tem miraculoso,
Que por onde elle só sem outro vae,
Converte em pedra o páu que nelle cahe.

Vê naquella que o tempo tornou ilha,
Que tambem flammas tremulas vapora,
A fronte que oleo mana, e a maravilha
Do cheiroso licôr que o tronco chora;
Cheiroso mais que quanto estilla a filha
De Cinyras na Arabia, onde ella mora;
E vê que tendo quanto as outras têm,
Branda seda, e fino ouro dá tambem.

Olha em Ceilão que o monte se alevanta
Tanto, que as nuvens passa, ou a vista engana:
Os naturaes o têm por cousa santa,
Pola pedra onde está a pégada humana.
Nas ilhas de Maldiva nasce a planta,
No profundo das aguas, soberana,
Cujo pomo contra o veneno urgente
E' tido por antidoto excellente.

Verás defronte estar do Roxo estreito
Socotorá, co'o amaro Aloe famosa;
Outras ilhas no mar tambem sujeito
A vós na costa de Africa arenosa;
Onde sahe do cheiro mais perfeito
A massa, ao mundo occulta, e preciosa:
De São Lourenço vê a ilha afamada,
Que Madagascar é d'alguns chamada.

Eis aqui as novas partes do Oriente,
Que vós outros agora ao mundo dais ,
Abrindo a porta ao vasto mar patente,
Que com tão forte peito navegais.
Mas é tambem razão, que no Ponente
D'um Lusitano um feito inda vejais,
Que de seu rei mostrando-se aggravado,
Caminho ha de fazer nunca cuidado.

Vêdes a grande terra que contina
Vai de Callisto ao seu contrário pólo ,
Que soberba a fará a luzente mina
Do metal , que a côr tem do louro Apollo.
Castella, vossa amiga, será dina
De lançar-lhe o collar ao rudo collo :
Várias provincias tem de várias gentes ,
Em ritos e costumes differentes.

Mas cá onde mais se alarga, ali tereis
Parte tambem co'o páu vermelho nota :
De Santa-Cruz o nome lhe poreis :
Descobri-la-ha a primeira vossa frota.
Ao longo desta costa que tereis ,
Irá buscando a parte mais remota
O Magalhães , no feito com verdade
Portuguez , porém não na lealdade.

Dês que passar a via mais que mea,
Que ao Antarctico pólo vai da Linha,
D'uma estatura quasi gigantea
Homens verá, da terra ali vizinha;
E mais avante o Estreito que se arrea
Co'o nome delle agora, o qual caminha
Para outro mar e terra, que fica onde
Com suas frias azas o Austro a esconde.

Até qui, Portuguezes, concedido
Vos é saberdes os futuros feitos,
Que pelo mar, que já deixais sabido,
Virão fazer barões de fortes peitos.
Agora, pois, que tendes aprendido
Trabalhos que vos fação ser aceitos
A's eternas esposas e formosas,
Que corôas vos tecem gloriosas:

Podeis-vos embarcar, que tendes vento
E mar tranquillo, para a patria amada.
Assi lhe disse: e logo movimento
Fazem da ilha alegre e namorada.
Levão refrêsco e nobre mantimento,
Levão a companhia desejada
Das nymphas, que hão de ter eternamente,
Por mais tempo que o sol o mundo aquente.

Assi forão cortando o mar sereno
Com vento sempre manso e nunca irado,
Até que houverão vista do terreno
Em que nascêrão, sempre desejado.
Entrárão pela foz do Tejo ameno;
E á sua patria e rei temido e amado
O premio e gloria dão, porque mandou;
E com titulos novos se illustrou.

Nó mais, Musa, nó mais; que a lyra tenho
Destemperada, e a voz enrouquecida;
E não do canto, mas de ver que venho
Cantar a gente surda e endurecida.
O favor com que mais se acende o engenho,
Não no dá a patria, não; que está mettida
No gosto da cubiça, e na rudeza
D'uma austera, apagada e vil tristeza.

E não sei por que influxo do destino
Não têem um ledo orgulho e geral gosto,
Que os animos levanta de contino
A ter para trabalhos ledo o rosto.
Por isso vós, ó rei, que por divino
Conselho estais no regio solio posto,
Olhai que sois (e vêde as outras gentes)
Senhor só de vassallos excellentes!

Olhai que ledos vão por várias vias,
Quaes rompentes leões e bravos touros,
Dando os corpos a fomes e vigias,
A ferro, a fogo, a settas e pelouros;
A quentes regiões, a plagas frias,
A golpe de Idolátras e de Mouros,
A perigos incognitos do mundo,
A naufragios, a peixes, ao profundo:

Por vos servir a tudo apparelhados,
De vós tão longe, sempre obedientes
A quaesquer vossos asperos mandados,
Sem dar resposta, promptos e contentes.
Só com saber que são de vós olhados,
Demonios infernaes, negros e ardentes
Commetterão comvosco; e não duvido
Que vencedor vos fação não vencido.

Favorecei-os logo e alegrai-os
Com a presença e leda humanidade;
De rigorosas leis desaliv'ai-os;
Que assi se abre o caminho á santidade:
Os mais exp'rimentados levantai-os,
Se com a experiencia têm bondade
Para vosso conselho; pois que sabem
O como, o quando e onde as cousas cabem.

Todos favorecei em seus officios,
Segundo têm das vidas o talento:
Tenhão Religiosos, exercicios
De rogarem por vosso regimento,
Com jejuns, disciplina, pelos vicios
Communs: toda ambição terão por vento;
Que o bom Religioso verdadeiro
Gloria vãa não pretende, nem dinheiro.

Os cavalleiros tende em muita estima,
Pois com seu sangue intrepido e fervente
Estendem não sómente a Lei de Cima,
Mas inda vosso imperio preeminente:
Pois aquelles que a tão remoto clima
Vos vão servir com passo diligente,
Dous inimigos vencem; uns os vivos,
E, o que é mais, os trabalhos excessivos.

Fazei, Senhor, que nunca os admirados
Allemães, Gallos, Italos e Inglezes
Possão dizer que são para mandados,
Mais que para mandar, os Portuguezes.
Tomai conselhos só d' exp'rimentados
Que vírão largos annos, largos mezes;
Que posto que em scientes muito cabe,
Mais em particular o experto sabe.

De Phormião philosopho elegante
Vereis como Annibal escarnecia,
Quando das artes bellicas diante
Delle com larga voz tratava e lia.
A disciplina militar prestante
Não se aprende, Senhor, na phantasia,
Sonhando, imaginando, ou estudando,
Senão vendo, tratando e pelejando.

Mas eu que fallo, humilde, baixo e rudo,
De vós não conhecido nem sonhado?
Da boca dos pequenos sei comtudo,
Que o louvor sahe ás vezes acabado.
Nem me falta na vida honesto estudo,
Com longa experiencia misturado,
Nem engenho; que aqui vereis presente
Cousas que juntas se achão raramente.

Para servir-vos, braço ás armas feito;
Para cantar-vos, mente ás Musas dada:
Só me fallece ser a vós aceito,
De quem virtude deve ser prezada.
Se me isto o Céo concede, e o vosso peito
Digna empresa tomar de ser cantada,
Como a presaga mente vaticina,
Olhando a vossa inclinação divina:

Ou fazendo que, mais que a de Medusa,
A vista vossa tema o monte Atlante,
Ou rompendo nos campos de Ampelusa
Os muros de Marrocos e Trudante;
A minha ja estimada e leda Musa,
Fico que em todo o mundo de vós cante,
De sorte que Alexandro em vós se veja,
Sem á dita de Achilles ter inveja.

Invejando as glorias de seus maiores, e acendendo-lhe ellas no tenro peito um ardor heroico, o inexperiente mancebo D. Sebastião projectou passar á Africa, bem contra a vontade de D. Aleixo de Menezes, porém insufflado por Camara, que aspirava o mando do governo. Tudo preparado, o rei mancebo fez-se de vela para a Africa, e na sanguenta batalha do *Alcacer Kebir*, perdeu a vida, com 25 annos, confundindo-se com os mortos, em 4 de Agosto de 1578.

Em sua ausencia os máos ministros reduzirão o reino á grandes apuros: e D. Aleixo, retirado da côrte, acabou na solidão uma existencia preciosa. O grande *Camões*, que por esse tempo vivia, achava-se tão perseguido pela adversidade, e tão pobre que

Já estendendo a pallida indigencia ;
E a fome... a fome alfim.—Clamor pequeno,
Que de minhas endeixas tenue sôa,
Sê junto aos brados das canções eternas,
Com que o teu nome generoso Antonio
Já pelo mundo engrandecendo echôa.
Vêde-o, vai pelas sombras caridosas
Da noite, de vergonhas coitadoura ;
De porta em porta timido esmolando
Os chorados ceitis, com que o mesquinho,
Escasso pão comprar. *Dai, Portuguezes,*
Dai esmola á Camões. Eternas fiquem
Estas do estranho bardo memorandas,
Injuriosas palavras, para sempre
Em castigo, e escarmento conservadas
Nos fastos das vergonhas portuguezas.

GARRET.

O grande Camões não podendo resistir á tantas adversidades, entrou para um hospital de caridade onde acabou miseravelmente, que para se enterrar, dizem muitos escriptores, foi mister que se lhe désse um lençol pelo amor de Deos, para com elle se amortalhar.

Embora : corrão livres e abundantes,
Desde as raizes da alma, origem sua.
A minha alma está triste, igual á chamma,
Que arde encolhida e que palpita a medo
Ao pé do moribundo em tardas horas;
As trevas invejosas mais de perto
A investem cada vez, fluctuão, crescem,
Vêm, fogem, precipitão-se, triumphão.
¡A alampada expirou! Taes se me apinhão
Em torno da razão medrosa e incerta,
Das desgraças da patria horrendas sombras.
¡Ah! se a razão tambem lhes succumbisse!

Fugir, com o coração rasgado e morto,
De lusos campos, que assolavão Lusos;
Vir buscar um consolo, onde cuidava
Que a polidez, o luxo, e os restos grandes
Da alta opulencia antiga encobririão
Os ais da dôr e a pallidez da fome;
Vir buscar illusões dos bens na falta [ferro,
¡E achar mais fundo horror!... que alma de
Tanto mal, sem tremer, contemplaria!
Por estas horas, um susurro alegre
Animava tudo isto. Erão torrentes
De esplendidos frisões, troantes coches,
Que abalavão as ruas inundadas
De mil vistosos, mil contentes ranchos,

Pelas francas janellas trasbordavão
Luz, vozes, riso, canticos, ventura.
De povo estuavão fulgidos theatros.
Ah! penuria e terror mudárão tudo!
Os bailes e espectaculos trancados
Em muda noite dormem: não respirão
De uma só casa as vozes da alegria;
Os laços sociaes se espedaçárão,
O cidadão dos cidadãos se esconde,
O homem entre homens solitario geme.
Tornou-se crime a voz e o pensamento,
O amor da patria réo, dever o opprobrio.
Nos profanados templos retumbárão
Os pregões de Baal; e em face ao Christo,
Seus ministros, impunes, premiados,
Mentem aos céos, á terra, á consciencia;
Vertem da lingua fel, blasphemia, embustes;
Como orvalho celeste implorão sangue;
E esquecido o evangelho e a caridade,
O odio, as vinganças, o alcorão vozeião.
Peja a innocencia os carceres; a honra
Vai com ferros aos pés varrendo as ruas:
Os tribunaes só velão para a morte;
Nas praças aterradas não descansão
Os cadafalsos, as vorazes pyras;
O algoz recebe dons, e escuta applausos;
E os argos do poder, sem fim, sem conto,

Espião, colhem, levão de continuo
Ao genio assolador materia nova.
Tal jaz este gigante das cidades,
Tal lhe róe nas entranhas renascentes
Eterno abutre de implacavel fome.
¡Patria, patria, e nem ais sequer nos deixão!
Cala-te, coração; não me recordes
O tempo, em que toda esta Lusitania
Era digna do sol que a faz tão bella!
Respiravamos nella uma harmonia
Da terra e céo, da natureza e do homem.
¡Quem previo tal futuro! assim folgava
Pompeia, e já nas lavas do Vesuvio
Lhe vinha a morte, a campa, o esquecimento.

¡Vede o Tejo qual vai! é este o somno
De um monarcha em grilhões. Emfim cahiste
Com tuas cans, emporio do Universo.
De tanta gloria, tanta vida e tanta,
Só dura uma lembrança dolorosa
Nos cantos do Camões. Se o patrio nome
Não tem de se perder na culta Europa,
Nem de sumir-se pelo mar dos tempos,
É que esta ancora o agarra á eternidade.
Eis como envergonhando a patria ingrata
Se vinga o bardo heróe; votou-lhe em vida

A lyra, a espada, o amor ; e inda não farto
Manda seu genio vigiar-lhe os louros.
¡ Coubesse na alma grande outra vingança !
Que victima a aplacar-lhe a campa humilde
Um reino, todo, em lagrimas, em ferros !
Olha a torrente aurifera, que o Grande
Nomeava seu Tejo, e a cujos córos
Chamava todo amor : *Tagides minhas*.
Maldizei-me essas ondas, que arrojavão
Pela foz desabrida ao largo oceano
O heróe de amor e Marte, o cantor d'ambos.
Inda o vejo, da pôpa debruçado,
Mandar saudoso aos tectos fugitivos
Um longo adeos sem voz, e nu d'esp'rança.
Da espuma o trote, o frémito da véla
Lhe aperta o coração, cahem-lhe nas ondas
Lagrimas dignas de soldado luso.
Quantas almas sua alma abraça ao longe !
¡ E nem uma talvez lhe sente o afago !
Lá vai, soldado, e pobre, e desvalido,
Lá vai, e as curvas praias apinhadas,
Ao desapparecer da extrema vela,
Dão gloria aos cabos, o soldado omittem,
Que desvalido e pobre os faz eternos.
Depois de ausencia longa, eis torno a vê-lo;
Ri, chora, applaude ao Tejo, e o Tejo é surdo,

Mutilado, indigente, obscuro e alegre
Beija este chão tão frio : off'rece á patria
A espada tincta, o braço, a tuba, a gloria.
Do ninho seu paterno ao céo levanta
Pregão, que afóra Elysia atrôa o mundo.
Cinge-lhe o louro vencedor dos tempos,
E recahe na penuria. E' esta a hora
Em que de um terreno lar, sem luz nem fogo,
Onde Camões, ¡Camões ! dorme no feno,
Sahe esse Antonio, o Tito dos escravos,
O escravo da amizade, e ousa nas trevas
Um pedir, que injuría os céos e a terra...
ACUDI A CAMÕES QUE EXPIRA A' FOME.
Que lagrimas sublimes lhe rebentão,
Quando uma ou outra mão, lá d'hora em hora
Passa e deixa cahir ceitil escasso
De seu senhor no capacete humilde !
Elle o estende, mostrando-o repassado
De balas de infieis ; nenhuma o cinge
De tanta e tanta palma que seu dono.
E colheu, e cantou. De rua em rua
Pede, invoca, enrouquece ; a quantas portas
De damas, de senhores, já famosos,
Do poeta no canto, e nos amores,
Não foi talvez bater ; bater vãamente !
Dá meia-noite, eis volve ao seu tugurio.

Quasi toda a cidade está dormindo ;
O resto se diverte ; os dous se abração :
Um chora, outro sorri: ¿ qual soffre menos?
— « Antonio, inda amanhãa não morrere-
[mos.» —
— « Senhor, a caridade é quasi surda,
« A vossa gloria esteril ; muito a custo
«Obtive apenas.... isso.» — «¡ Meu Antonio!
« Que exemplos a futuros escriptores !
« ¡Que pago ! que laureis ! mas não importa,
« Servi os meus, um tal serviço é premio.» —
— «Não choreis.» — «Meu amigo, eu não me
[choro.
« Mas tua dôr me dóe ; queira a fortuna
« Pagar-te os bens que me ficou devendo :
« Eu já me afiz a tudo ; a Providencia
« Sabe que existo : os annos meus cansados
« Vão no fim ; pouca vida exige pouco.
« Antonio, uma só mágoa me acompanha ;
« E' ter dado o meu estro, emquanto ardia,
« Aos ingratos e ingratas ; e hoje velho,
«Além de um coração, não ter que dar-te.» —
— « Cantai os outros (não lh'o invejo) e
[amai-me.
«Se eu de affectos entendo, os vossos cantos
« Valião menos do que o vosso affecto.» —
O poeta suspira ; alguns momentos

Reina silencio fundo ; o escravo o rompe :
— « ¡Bem sei eu onde agora vos queria!» —
— « ¿ Onde, amigo ?» — «E eu comvosco.» —
[«Ah ! lá em cima
« Na patria que ama sempre e paga tudo ? »
— «Não.» — «Pois onde ?» — «Ah ! senhor,
[na minha terra
« Terieis, como agora, o vosso escravo,
« E uma choupana vossa, e umas palmeiras,
« Que vos dessem, de graça, os ricos fructos;
« Meu amor, e o dos meus, e a paz, e o ocio.» —
— «Enxuga as tuas lagrimas, não sonhes
« Mais penas para nós. » — « Vêdes ? aperto
«Todo o vosso thesouro entre dous dedos!» —
— «Eis o pão.» — «Mas... só pão, nem sequer
[vejo
«Com que dar-vos papel.» — «Qu'importão
[versos ?»
— « ¿ Mas vosso mal ? e um medico, e soc-
[corros?
« Meu bom senhor, ouvi-me, e por piedade,
« Não engeiteis, não engeiteis meu rôgo.
« Muito ha que esta lembrança, inda que
[triste,
« Me afaga o coração ; foi algum anjo
«Quem me inspirou; sem duvida ; cedei-me,
«E' meu primeiro, é meu extremo rogo...» —

— «Porque não fallas pois?! ergue-te e falla !
« Tu soluças ! eu tremo; acaba, amigo.» —
— «Vendei-me» — exclama o servo em voz
[medrosa ;
Pasma, emmudece, espera e assim prosegue:
— «Procurai-me um senhor que seja humano,
« Que me permitta ás vezes visitar-vos ;
« E vendei-me, por Deos !» — « Cala-te....
[escuta....
« Uma voz a cantar na vizinhança....
« Ouves?... são versos meus : oh ! não te
[agradão
«Aquelles tons suavissimos?» — «Vendei-me;
« Eis meu primeiro, eis meu extremo rôgo. »
— «Meu Antonio, amanhãa vende essa espa-
« Inutil carga das paredes nuas ; [da,
« Vende esse capacete, onde mendigas
« Um cobre que te cansa, e não nos salva :
« E depois.... o hospital. Ah! meu amigo ,
« Quando este capacete me cobria,
« Conteve quanta idéa o mundo abrange ;
« Mas, confesso, esta não. » — « ¿ Mas o meu
[rôgo ? » —
« Antonio, tambem tu !.... » — Como fal-
[lavão,
Despontou a manhãa. Camões lhe entrega
O capacete e a espada ; aponta a porta ;

Vê-o sahir ; segue-o co'a vista, e geme.

. . . .

«Adeos, ninho da dôr!» exclama o triste.
«E para nunca mais.» ¡ Onde vai elle !
Sem guia, roto, e enfermo, áquellas horas ?
¡ Onde ha de o pobre escravo ir procura-lo!
Onde, já lh'o elle ouvio ; no horrendo al-
[bergue
Que a pia caridade off'rece aos pobres.
Lá corre ; pede, exora ; entrou, procura ;
Descobre... vê... abraça e em longo abraço
Mistura gosto e pranto, amor e queixas.
Servo, enfermeiro, confidente, amigo,
Multiplica-se em mil, cerca-o de extremos ;
Cumpre-lhe officios de familia e patria.
Morre Camões, mendigo entre mendigos ,
Estranho aos seus, nos braços de um es-
[tranho ,
Mas entre elles deu tudo ; aos seus ingratos
O coração, o engenho, a vida, a gloria :
Ao seu amigo a amarga liberdade,
Tarda fama, uns ceitis, e poucos livros.

De tão impios avós proscripta raça,
O destino em miserrima hecatomba
A teus manes, Camões, nos sacrifica.

A injuria foi-te azeda ; ah ! que a vingança
Te amargaria ao fel ! quem me hoje dera
Essa harpa lacrimosa, onde entoaste
Lamentos de Sião cahida em ferros,
Saudades de Israel em terra alheia !
Não ha canto no globo, onde banido
Não chore um Portuguez aos ais dessa
[harpa
Que de ais serião écho em toda a terra !
Mas feliz seu desterro! alta saudade
Lhes queima o coração ; porém seus olhos
Não vêm da patria as longas agonias.

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO.

O Sr. visconde J. B. de Almeida Garrett, indignado por tanto desprezo dado á memoria do immortal cantor das glorias nacionaes, em seu exilio de França em 1825 escreveu arrancadas do coração estas palavras memoraveis dirigidas não a Portugal, que permanecia surdo, porém aos povos do universo inteiro, para delatar tamanho crime.

Onde foi, Portuguezes, o moimento
Que do immortal cantor as cinzas guardão?
Homenagem tardia lhe pagastes

No sepulcro sequer... Raça de ingratos!
Nem isso! nem um tumulo, uma pedra,
Uma letra singela! — A vós meu canto,
Canto de indignação, ultimo accento
Que jámais sahirá da minha lyra,
A vós, ó povos do universo, o envio.
Ergo-me a delatar tamanho crime,
E eterna a voz me gelará nos labios.
Lyra da minha patria, onde hei cantado
O lusitano — envilecido — nome,
Antes que neste escolho, em praia estranha,
Quebrada te abandone, este só brado
Alevanta final e derradeiro:
Nem o humilde lugar, onde repousão
As cinzas de Camões, conhece o Luso.

Verificada a morte do legitimo rei, e em perturbações o reino, o cardeal D. Henrique, tio de D. Sebastião, apezar de muito velho, foi coroado em Portugal, e não tendo successor se devia esperar que a casa de Aviz acabasse com elle, e por cuja causa alguns pretendentes apparecêrão á herança da corôa, como fossem Felippe II de Hespanha; Catharina de Portugal, mulher do duque de Bragança; o duque de Saboia, o duque de

Parma ; e D. Antonio, cavalleiro de Malta, e grão-prior do Crato. O velho cardeal, que tinha nomeado uma commissão para decidir ácerca dos pretendentes, não vio se realisarem taes desejos por antes morrer a 30 de Janeiro de 1580. Felippe II, não se lhe dando de consideração alguma, mette no Tejo uma potente esquadra de 22,000 homens, capitaneada pelo duque d'Alba, e se fez proclamar rei de Portugal em 1580, por se suppôr com direito á corôa de Portugal. Apezar da força não cessavão os Portuguezes de conspirarem contra o jugo de Castella , e para comprovar o que dizemos aconteceu que em 8 de Maio de 1579, querendo unanimemente a nação protestar contra as forças estrangeiras, Martim Fernandes, sapateiro, e Antonio Peres, oleiro, em uma das salas do convento do Carmo de Lisboa dirigirão aos fidalgos a seguinte allocução :

« Senhores , consta-nos que varias das principaes pessoas , e alguns nobres , esquecidos das obrigações a que estão ligados e fazendo da honra pouco cabedal , usão de uma linguagem, e praticão actos contrarios á segurança destes reinos. Como bons Por-

tuguezes, estamos decididos a dar remedio ā este mal, porque nos lembramos do que forão os habitantes desta cidade no tempo de João I e no de outros monarchas. Rogamos a VV. SS. como primeiras pessoas da republica, que a ajudem a sustentar, e que não percão a sua honra e direito dando orelhas á parcialidade, ou olhando as circumstancias particulares de alguns individuos. Podem VV. SS. ficar certos de que para a defesa de nossos direitos e castigo dos Portuguezes versateis, estamos promptos a levantar-nos com quinze ou vinte mil homens desta cidade, e seus arredores. Se fôr necessario, duas horas bastaráõ para os reunir, e iremos incendiar as habitações dos que começão a fallar e obrar contra o bem geral. Comtudo não recorreremos a taes meios emquanto tivermos esperança de obter remedio, e castigo por outro modo. Talvez conviesse lembrar isto ao estado da nobreza, assim como aos outros estados, para que toda a assembléa trate com plena segurança do bem commum, e da tranquillidade destes reinos, sem temor da força, violencia, e de meios preventivos, ou dam-

nosos. Esperamos que mais se não attenderá á voz dos que julgão tudo impossivel, e que não querem dar, nem procurar remedio a semelhantes males. »

Felippe II, de posse do governo supremo, muito opprimia os Portuguezes; e em vez de ser o que havia sido aquella nação, não era mais que uma provincia hespanhola. Felippe III e IV seguirão a mesma conducta, com pequena differença, levando por todos os angulos e pontos do reino o terror e a perseguição.

O odio entre Portuguez e Hespanhol crescia de momento a momento, em progressão espantosa; e como existia uma personagem, o duque de Bragança, de quem os Hespanhóes nada temião por sua molleza, indolencia, assentárão os Portuguezes de revoltarem-se contra os usurpadores do poder, e proclamarem á D. João, duque de Bragança, rei de Portugal. Em Evora appareceu uma insurreição, dizendo os insurgidos que melhor convinha ficar no campo dos combates defendendo a legitimidade de um principe natural, do que ser escravo de uma nação estranha. Para ajudar a Hespanha, mandou

a França uma poderosa esquadra, e não obstante, os Portuguezes puderão embaraçar o desembarque dos que tinhão de opprimilos; uma tempestade os ajudou nesta empresa, dispersando as náos francezas. Quando isto se passava, um homem intrepido, *Pinto Ribeiro*, que muito se resentia das calamidades por que ia passando o seu paiz, devidas á usurpação de Hespanha, revolta-se contra Felippe. Nesta occasião uns julgão legitimo ao poder o duque de Aveiro, outros o marquez de Villa-Real; e o arcebispo de Lisboa, partidario da casa de Bragança, diz aos seus naturaes que o legitimo successor do velho cardeal é o duque de Bragança, D. João.

Estando tudo prompto a consummar-se, *Pinto Ribeiro* escreve ao duque, que se achava em Villa-Viçosa, a vir á Lisboa, para tomar parte nos negocios de seu particular interesse. O duque, que nada emprehendia sem ouvir primeiro o parecer da duqueza, por elle se decidio, e no 1° de Dezembro de 1640 arrebentou a revolução, tendo por signal um tiro de pistola, que ás 8 horas deveria dar *Pinto Ribeiro*. Tudo consummado, D. João, que se ainda achava em Villa-Viçosa

quando a revolução arrebentou, foi proclamado em Evora, em 1640, rei de Portugal. Não duvidando da guerra que ia ter com a Hespanha, tratou de se forticar; libertando a nação dos grandes impostos, que pagava á Felippe, convocando as côrtes, trabalhou pela paz interna e externa.

A excepção de pequenos acontecimentos, nada mais houve de notavel em seu reinado, que as saudades que deixára por seu fallecimento em 6 de Novembro de 1656. O reino restituido á seus naturaes governadores, na pessoa de Affonso VI, filho do fallecido João IV, por ser mui verde em idade sua mãi por elle se chamou ao governo. Este moço, de uma indole má, em tomando posse do poder, ia precipitando a corôa de modo, que sabendo-o a Hespanha, se quiz vingar da revolução de 1640. Bem que o principe não fosse amado do povo, comtudo os Portuguezes, levados pelo amor da patria, e dos seus brios naturaes, oppuzerão-se fortemente á que desembarcasse em Portugal a gente que capitaneava D. João d'Austria, filho natural do rei de Hespanha, homem valente e habilissimo. Sangrenta foi esta opposição; porém Portu-

gal venceu. Affonso, que não podia mais governar, foi forçado a abdicar a corôa em seu irmão D. Pedro, assignando um auto em Fevereiro de 1668.

Ninguem se atrevia a fallar em seu favor, e pelo que foi exilado, e por fim veio acabar seus dias na patria, em 1682. D. Pedro II, vendo as circumstancias do reino, e conhecendo que a má conducta de seu irmão foi causa da abdicação, recebeu o titulo de regente á principio, para não parecer usurpador, até que seu irmão falleceu. Pedro II, quer emquanto regente, quer como legitimo rei, viveu para a felicidade dos povos, e sómente foi censurado por não se oppôr ás influencias da Inglaterra.

Querendo o povo levantar-lhe uma estatua em reconhecimento do seu bom governo, elle o não consentio; e o poeta Garção nos transmittio em verso o discurso que lhe elle dirigio, rejeitando e agradecendo nesta substancia:

«Não, lusitano povo, eu não consinto
Que estatua ao meu nome se dedique:
O amor da patria, o zelo da justiça,

Não sêde de mandar, ou da vangloria,
Me fez tomar as redeas do governo:
Se fui clemente, justiceiro, ou pio,
Obrei o que devia. É mui pesada
A sujeição do sceptro; e quem domina
Não tem a seu arbitrio as leis sagradas:
Fiel executor deve cumpri-las;
Mas não póde altera-las. É o throno
Cadeira da justiça; quem se assenta
Em tão alto lugar, fica sujeito
A' mais severa lei: perde a vontade;
Qualquer descuido chega a ser enorme,
Detestavel, sacrilego delicto!
Quando no horisonte o sol espalha
Sobre a face da terra a luz do dia,
Ninguem o admira, todos o conhecem;
Mas se eclipsado acaso se perturba,
Neste instante infeliz todos se assustão;
Todos o observão, todos o receião.
Logo, se premiei sempre a virtude,
Se os vicios castiguei, nada mereço.
E não queirais, vassallos generosos,
Lisongeiros tentar minha constancia,
Honrosa estatua pretendendo erguer-me
Porque bem vos regi; pois eu não devo
Condescender comvosco: infamaria

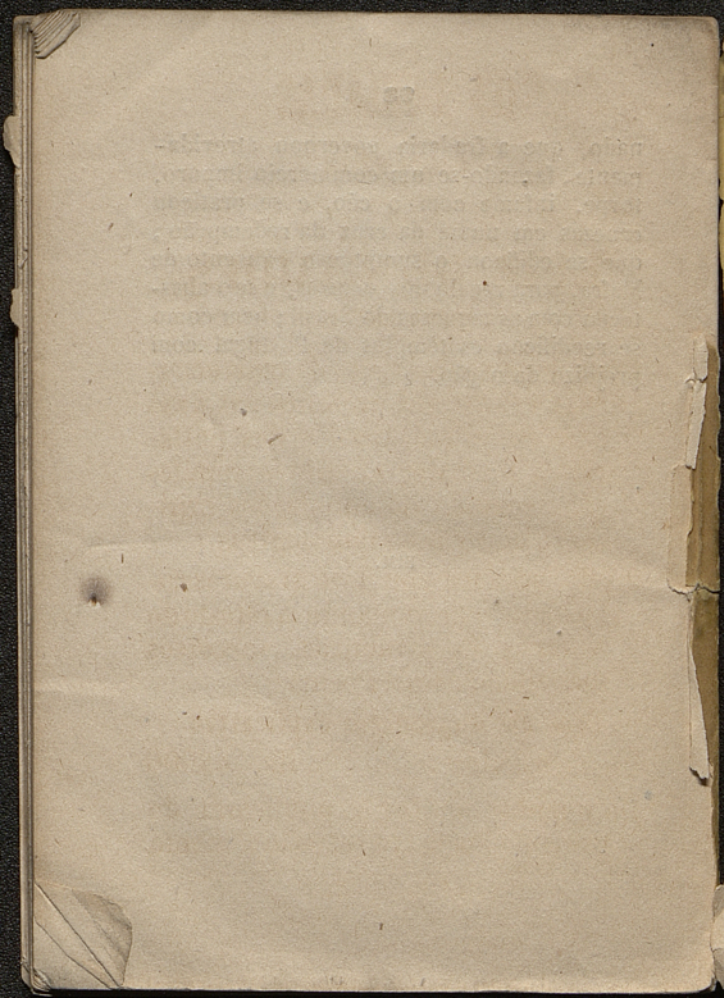
Da alta virtude as maximas constantes,
Com que austero emprendi do regio throno
O accesso defender aos vicios torpes:
Se delle afugentei sempre a mentira,
A lisonja infiel, o astuto engano;
Não queirais offuscar minha memoria,
Provocando-me a collocar no solio
Um injurioso exemplo da vaidade,
Um padrão da lisonja. A fama illustre
Deve durar na tradição intacta,
Sem a nota de fragil. Fôra impropria
A gloria que me dais, se nessa estatua
Descobrissem os seculos futuros
As maculas horrendas da vangloria.
Vós mesmos, vossos filhos, vossos netos,
De tão clara doutrina convencidos,
Ou do tempo melhor aconselhados;
A mesma estatua, que quereis attentos,
Agradecidos hoje levantar-me,
Amanhãa se veria derribada,
Em pedaços jazer: com páos, e pedras,
Os olhos lhe tirarem; que a fortuna
Ligada co'a inveja, e co'a soberba
Não deixa durar muito os elogios.
Porém se vós, illustres Portuguezes,
Desejais conservar meu nome eterno;

Não é preciso o marmore soberbo,
Basta-me a tradição de pais á filhos,
Com fiel saudade transmittida.
Este o jaspe, este o bronze, em que pretendo
O meu nome esculpir: chegue aos vindouros,
Sem perder o caracter, que o fez grande:
Lembre-se o benemerito do premio;
Recorde-se o culpado do castigo;
Todo o reino do publico descanso,
Em florente commercio, em paz segura:
Mas haja quem se lembre deste caso,
E quem diga que rejeitei modesto
As honras de uma estatua; e que estas honras
Quem chega com justiça a merecê-las,
Tambem sabe atrever-se a despreza-las.»

«Acabou de fallar; e os circumstantes
Immoveis, e calados parecião
Outras tantas estatuas dedicadas
A' regencia feliz do sabio infante.»

A' Pedro II succedeu João V, homem fanatico, supersticioso, e de máu genio, que em lugar de promover o bem do Estado, entregou-se exclusivamente á um mal entendido zelo pela religião. Foi em seu rei-

nado, que a fradaria governou atrevidamente, fazendo-se um commercio impuro, torpe, infame com o céo, e se praticou cruezas em nome da cruz da redempção; que se edificou o sumptuoso convento de Mafra, para regalo dos ociosos, e se o abasteceu com as riquezas do Brasil; bem como se reedificou os templos de Portugal com prejuizo da nação.

FIM.

OS LUSIADAS

POEMA EPICO

DE

LUIZ DE CAMÕES

NOVA EDIÇÃO

Feita debaixo das vistas da mais accurada critica em presença das duas edições primordiaes e das posteriores de maior credito e reputação: seguida de annotações criticas, historicas e mythologicas.

2 vols. ornados com doze gravuras coloridas, representando o retrato do Autor e os principaes successos mencionados no Poema;

Com um Diccionario explicativo

Encdaornados . . . . . Rs. 4$000

De quantas edições se publicárão do presente Poema, é esta não sómente

a unica correcta, mas ainda a mais nitida e completa impressão existente, ornada de doze lindas gravuras coloridas, e enriquecida de um Diccionario explicativo de todos os nomes proprios, que torna a leitura do Poema muito mais intelligivel, proveitosa e deleitavel.

Uma edição economica desta mesma obra sem estampas, para aulas, se vende por. . . . . . . Rs. 1$600

Em casa de E. & H. Laemmert,
rua da Quitanda, 77.

Rio de Janeiro. Typ. Univereal de LAEMMERT, rua dos Invalidos, 61 B.

Luiz de Camões.